

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) Serra do Cipó/Minas Gerais Transcrição de entrevista		
Entrevistado: Ana Maria Gonçalves	Data: 02/05/2011	Ocupação: Secretária de Educação, Cultura e Esporte
Município: São Sebastião do Rio Preto		Distrito: Sede
Equipe técnica Entrevista: Andréia Ribeiro Produção de vídeo: Ricardo S. G. Transcrição da entrevista: Aline Pinheiro Brettas		Duração: 27 minutos Mídia: Divx, arquivos em Mp4
Observação: as falas destacadas em itálico foram proferidas pela entrevistadora.		

- *Qual o seu nome?*

- Ana Maria Gonçalves, tenho 51 anos e moro aqui em São Sebastião do Rio Preto há quatro anos.

- *E qual o seu endereço, Ana?*

- Rua do Bonfim, 98, Centro.

- *E profissão?*

- Sou professora de Geografia, especializada em Análise Ambiental e Patrimônio Cultural, e tô atualmente na Secretaria de Educação, Cultura e Esporte.

- *E qual é a sua inserção e envolvimento no meio cultural do município, Ana?*

- São Sebastião, ele é muito difícil trabalhar a cultura aqui, porque muitas vezes as pessoas assim, tentam muito a questão de politicagem. Mas a gente procura de todas as formas, tá resgatando a cultura, de tá inserindo a comunidade através de publicações, fazemos eventos mesmo que as pessoas não venham, a gente continua a convivência, continua tentando resgatar cultura e, a gente procura de todas as formas tá divulgando a cultura mesmo através da secretaria. A gente tem o apoio do prefeito, e muitas pessoas não participam, não é de todos os eventos que participam, mas a gente não deixa de fazer por causa disso.

- *Aí você é secretária há dois anos, no município?*

- Dois anos.

- *Você veio de Itabira?*

- Eu trabalhei em Senhora do Carmo, distrito de Itabira, dez anos. Aí vim de lá, trabalhei na escola.

- *Aqui em São...?*

- Aqui na escola de São Sebastião, dando aula de Geografia pro 2º grau, e larguei a escola e passei pra Secretaria.

- *E quais as manifestações culturais, saberes e modos de fazer tradicionais que existem na cidade?*

- Nós temos a Festa de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Vitórias e Divino Espírito Santo. São as maiores festas da cidade. Temos a Festa de São Sebastião, que acontece no mês de janeiro, a Seresta Encontro de Amigos...essa seresta, ela é muito importante pro nosso município, principalmente por causa das comidas típicas, né? A gente resgata o tutu, a galinha com arroz, o fubá suado, café de rapadura. Então assim, o objetivo dessa seresta é trazer de volta os sebastianenses ausentes, pra nossa terra, pra eles tarem revivendo o passado através da cultura.

- *Além dessas, tem mais outras festividades?*

- Tem. Tem a missa que acontece no João Moleque uma vez por semana, no Santuário João Moleque, a seis quilômetros daqui. Temos a Festa Nossa Senhora da Aparecida, o Jubileu do Bom Jesus do Matozinhos, que acontece em julho. Acho que são só essas manifestações.

- *E essa, a primeira vez que você falou, que em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Vitórias e Divino Espírito Santo, é chamada pelos moradores locais de Festa de Setembro.*

- Festa de Setembro, são as tradicionais festas de setembro. São três dias de festa. Na quinta-feira, é a véspera da Festa de Nossa Senhora das Vitórias, então aí tem levantamento de bandeira, na quinta-feira. Na sexta-feira acontece a festa, durante o dia, e à noite tem o levantamento da bandeira da Festa do Divino Espírito Santo. No sábado, é a Festa de Nossa Senhora das Vitórias, com o levantamento de bandeira, e no domingo, as três festas, os festeiros dessas três festas saem em procissão pelas ruas, junto com a comunidade.

- *Além dessas festividades, há também algum grupo cultural?*

- Nós temos a Marujada de São Sebastião, a gente não sabe exatamente quando que ela foi fundada, mas os moradores mais antigos falam que ela é, quando São Sebastião ainda tava fundando a cidade, os escravos vinham pra cá, eles reuniam pra cá e vinham em procissão cantando em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Aí dessa época que tem a Marujada, e a gente não sabe exatamente a idade dela.

- *E a Festa de Setembro, você sabe assim mais ou menos desde quando ela ocorre?*

- Desde essa época.

- *Desde quando aconteceu o povoamento...*

- Desde a época do povoamento.

- *E o Jubileu do Bom Jesus do Matozinhos, tem também...?*

- O Jubileu, ele tinha acabado. Aí o Jubileu, deve ter uns 20 anos que a comunidade da Vila Bom Jesus, eles se reuniram pra resgatar, pra voltar com o Jubileu. Então, ele é feito pela própria comunidade, ela se organiza, e geralmente é uma família. Pega uma família, e eles se organizam pra tá fazendo o Jubileu durante a semana inteirinha. Então assim, dá muito trabalho, mas é uma festa muito bonita.

- *Mas ela acontece na vila do Bom Jesus?*

- Vila do Bom Jesus.

- *Vila Bom Jesus é comunidade rural?*

- Não, é uma vila pertinho aqui. É como se fosse um bairro. Ela acontece na Capela do Bom Jesus.

- *E a Festa São Sebastião?*

- A Festa São Sebastião - São Sebastião é o padroeiro da cidade – ela acontece no dia 20 de janeiro. Desde a época do povoamento também.

- *Além da Marujada, algum outro grupo cultural?*

- Não...além da Marujada, tem um grupo daqui, que é a Família Garangui. Eles são de Sabará. Essa família, todos os anos eles vêm...os Garanguis, eles são de São Sebastião. Eles mudaram de São Sebastião, e continuaram com a tradição de tá vindo aqui tocar nas festas de setembro. Então eles vêm, todos os anos eles comparecem, já é tradição deles estarem vindo tocando as festas de setembro. Mas eles mudaram de cidade, mas continuaram com a tradição da família.

- *E hoje os componentes da Marujada de Nossa Senhora do Rosário são descendentes dessa família?*

- Não, a Nossa Senhora é uma....e a Marujada de São Sebastião, que é essa do Garangui, que foram embora daqui, mas eles continuaram com a tradição da família de estar tocando nas festas aqui. Eles são daqui e moram em Sabará.

- *E outra coisa: em relação à crença local do João Moleque. Dá pra você explicar pra gente quando que ela começou e quem que é o João Moleque?*

- João Moleque, ele era um escravo, e morava na fazenda lá na comunidade que chama Cauís. Então ele era um escravo, devia ser adolescente na época, e ele gostava muito de ajudar os outros escravos. Então ele morava nessa fazenda, trabalhava pra esse fazendeiro, e como os escravos eram discriminados, então eles não tinham o acesso dentro da fazenda, e o João Moleque tinha. Aí o João Moleque aproveitava o acesso que ele tinha dentro da fazenda, pra roubar os alimentos pra levar pros outros escravos. Aí um dia lá, não sei se o fazendeiro

descobriu que ele tava roubando...ele descobriu que tava roubando, mas não sei se ele ficou esperando o momento, ficou vigiando o João Moleque. Aí pegaram o João Moleque de tocaia, dentro do canavial, e colocaram fogo no canavial. E como os escravos gostavam muito dele por causa dessa solidariedade dele, aí eles começaram a acreditar que o João Moleque tava fazendo milagres, e a partir de então, o João Moleque virou um santo dentro da comunidade, né? Aí a comunidade do Cauís ergueu um santuário lá na comunidade do Cauís, e eles rezam e acreditam nos milagres que ele faz, depois que o João Moleque morreu queimado, passou a fazer milagre na comunidade. Então todo mês é celebrada uma missa lá no Santuário do João Moleque.

- *Todo primeiro domingo do mês?*

- Todo primeiro domingo do mês, é celebrado a missa. E pra comunidade, realmente ele faz milagre, muitas pessoas vão lá fora da missa, eles vão lá, acendem velas, e fazem orações; e assim, pra essas pessoas, ele realmente é milagroso.

- *E com relação aos ofícios e modos de fazer, relacionados ao artesanato, quais que são os que se destacam?*

- O artesanato na comunidade, ele é muito pouco e a gente conhece poucos artesãos no município. Têm as pessoas que fazem balaio, que ainda fazem esse tipo de artesanato, mas eles não gostam de manifestar. A gente procura, quando a gente pede pra fazer uma exposição eles num comparecem, não gostam nem de falar que fazem esse tipo de trabalho. Mas a gente ainda tem pessoas que tecem balaio, fiquei sabendo também que têm pessoas que fazem cabresto, mas com o surgimento da indústria, esse negócio, tá muito mais fácil pra pessoa comprar no mercado do que procurar os artesãos. Com isso, eles ficam ocultos. E temos também um artesão que trabalha em madeira, a madeira aqui na região. Fez até um santo bonito..., acho que Santo Antônio, que ele fez. Mas também muito pouco divulgado na comunidade.

- *Mas aí esse artesão tem o apelido de Gulim?*

- Gulim, ele chama Gulim, mora perto aqui do Centro. Ele tem essa habilidade, de tá trabalhando com madeira.

- *Além desses, tem algum outro?*

- Não. Que eu saiba, o nome, assim a gente não tem.

- *E qual a importância, que você vê dessas manifestações que você citou pra gente, pros moradores da cidade? Essas festividades, a crença no João Moleque...*

- O município, ele é muito pequeno, nós temos 1.600 habitantes aqui. A gente não tem acesso a teatro, cinema. Então assim, essas festas, aumenta a auto-estima das pessoas, eles ficam

assim, num querem que acabem com essa tradição, e pra eles assim é muito importante, não é igual às grandes cidades, que essas festas acontecem. E a gente nem fica sabendo, e se fica sabendo nem dá importância. Então aqui pro município é muito importante, e a gente não pode deixar acabar não, porque é a única coisa que eles têm no município.

- *Com relação às festividades, quem são o grupo ou as pessoas responsáveis por realizá-las?*

- As festas religiosas de setembro, durante a missa, no último dia de missa na Festa de Nossa Senhora do Rosário, é feito um sorteio, não, sorteio não...eles perguntam quem quer ser o festeiro do próximo ano. Então as próprias famílias, ou a própria pessoa, ela se apresenta como festeiro do próximo ano. E a de São Sebastião, as festas acontecem dessa forma. As pessoas se apresentam como festeiros do próximo ano, e o mais importante pra gente é essa festa. O Jubileu, geralmente também ele é a mesma coisa, as famílias se apresentam como festeiro pra tá organizando. E conta com o apoio da Prefeitura, porque eles têm que trabalhar o ano inteiro pra fazer, porque não é uma festa pequena. Eles trabalham o ano inteiro fazendo...com barraquinhas, eles trabalham com rifas, com sorteio, pedem auxílio da comunidade. No último dia das festas eles fazem um leilão, já pra tá arrecadando o dinheiro pra tá ajudando as despesas das festas. O apoio da Prefeitura é muito importante pro festeiro, porque não fica barato. Essas festas são muito caro, têm vestimentas, têm fogos de artifício, o show pirotécnico...então assim, se a Prefeitura não tiver ajudando, quase que impossível tá fazendo a festa.

- *Aí além dessa ajuda da Prefeitura, há também a ajuda da comunidade. Doação de dinheiro...?*

- Da comunidade, doação de alimentos, isso.

- *E como que você percebe, Ana, que esses bens que você mencionou pra gente, anteriormente, eles se mantêm ao longo do tempo? Igual você falou: a Marujada existe desde quando a cidade era um povoado...*

- A Marujada tá sendo um problema pra gente, porque o município ele não tem, nós num temo terreno. Então não tem nem como a gente tá construindo a sede pra eles. Seria bom se algum fazendeiro doasse o terreno, entendeu? Se a gente conseguisse a doação de um terreno, seria fácil pra gente tá construindo a sede pra eles. Mas o problema que a gente não tem terreno nem mesmo pra fazer um velório, a construção de um velório. Então, os Marujeiros, eles ficam sentidos com isso aí, eles ficam chateados e com razão, porque é uma coisa porque eles fazem isso aí pela fé, eles fazem isso porque tem vontade de fazer, eles num cobram pra fazer isso aí. E você vê assim, a alegria deles, né, de tá fazendo. Então a gente acha muito importante, de tá ajudando isso aí. A gente teria que unir a comunidade, ver se a gente

conseguia um...a construção desse sede pros marujeiros. Então eles ficam assim, muito desestimulados, porque não têm onde guardar os colchões, não tem onde guardar os instrumentos, muitas vezes colocam dentro da casa deles mesmo ou dentro da própria casa do presidente, eu acho que é presidente que fala...do mestre.

- *Mas aí a sede no caso é uma indicação do próprio grupo, que deseja que...*

- Humhum, isso. Aí vai assim, entra prefeito, sai prefeito, a gente consegue fazer essa sede pra eles.

- *Então pra você, uns dos problemas que a Marujada enfrenta...?*

- Acho que é o único problema, né? Porque quando tá faltando uniforme, a comunidade ajuda, o próprio festeiro pede pra tá fazendo uniforme novo pra eles. Dá ajuda pra tá lavando o uniforme deles, então o único problema mesmo é a sede. É o que eles, ficam assim muito chateados com isso, e realmente a gente não tira a razão deles, de tá querendo...a gente já propôs pagar aluguel e eles não querem, entendeu? Eles querem é a sede deles mesmo.

- *Tá, aí voltando a minha pergunta de novo, porque aí, você falou por exemplo, que a Marujada acontece desde, né? Você não sabe nem a época que acontece a Festa de Setembro, a Festa de São Sebastião...essas manifestações que têm no município, como é que você vê? Quais suas percepções? Como elas se mantêm durante todos esses anos, séculos na verdade? Como é que você acha que...?*

- Elas se mantêm por causa da própria comunidade, que num deixa acabar, entendeu? Eles num aceitam, eles tão juntos, eles ajudam nas festas. Então elas se mantêm por conta da comunidade mesmo, né? Porque muitas vezes, você não tem nem ajuda do próprio pároco da cidade, que muitas vezes eles são resistentes em tá fazendo a...quer mudar, eles querem mudar a tradição, a comunidade num aceita. Então, é a própria comunidade que faz com que a festa não acabe.

- *Como você percebe, que essas manifestações, esses saberes, essas crenças também, são repassados de geração pra geração? Como você acha que isso dá? Como que é esse processo?*

- Porque, vou dar um exemplo meu. Desde criança que eu venho aqui, que minha família é daqui. Então os pais da gente já vai trazendo a gente, entendeu, então a gente vai sendo criado no meio daquilo ali. E assim a gente vai passando a gostar daquilo ali, a gente vai crescendo, amadurecendo junto com as festas, junto com as manifestações. Você passa a gostar e vai repassando também, entendeu? Então é através do modo da gente viver, da cultura da gente, você vai vivendo, você vai participando, então você vai passando a gostar e vai repassando de pai pra filho, pra neto.

- *Dentro desses bens que você citou pra gente, você acha que tem algum que corre o risco de deixar de existir?*

- A Marujada.

- *Porquê?*

- Porque o número de marujos hoje, ele é muito pequeno.

- *São quantos?*

- Do nosso município, deve ser uns seis. Então eles buscam, pra não deixar acabar, nos municípios vizinhos, pra tá aumentando o número de marujos. E os adolescentes hoje, apesar que eu falei anteriormente que isso aí vai criando gosto, que as pessoas vão passando de geração para geração, hoje quando eu tava dando aula de Geografia, cheguei a comentar com meus alunos, pedi pra terem integrando a Marujada, eles têm vergonha. Eles têm vergonha de ser marujo; hoje a música, o ritmo, é tudo diferente. Então o que eu acho que corre risco mesmo é a Marujada, porque os adolescentes estão com vergonha, e eu acho também que é muita falta também dos pais terem falando, da comunidade trabalhando isso aí, da gente tá criando um grupo folclórico dentro da cidade, entendeu? Mas a nossa marujada, não só por causa da sede, mas porque tá faltando isso aí.

- *Aí na hora que você foi incentivá-los pra poder participar da Marujada...*

- Eles começam a rir, eles começam a criticar...

- *Mas você pergunta por quê que eles tem vergonha, ou não?*

- Por causa do tipo de música, por causa de vestimenta, a maneira de dançar, então eles querem violão. Aí eles perguntaram pra mim porque eu não propunha pra eles uma banda de rock, né? Apesar que nos marujos, você ainda encontra criança. Mas quando eles vão chegando a uma certa idade, eles afastam.

- *E quais dificuldades que você percebe, que a Marujada enfrenta, que as celebrações enfrentam? Você vê alguma dificuldade que elas enfrentam, de forma geral ou específica?*

- Pra participação da Marujada não porque a gente dá muito apoio. A gente busca eles aonde que eles tiverem, os marujos. A gente oferece pra eles alimentação...pra eles dormirem, hospedagem. Então a gente trata eles assim, da melhor maneira possível, e eles merecem ser bem tratados, por que sem a Marujada a festa também não acontece, então a coisa é ligada na outra. Então assim, o que alegra a festa é a presença dos marujos, que eles tocam o dia inteiro, sobe e desce, às cinco horas da manhã os festeiros tocam o sino da igreja, pra alvorada, aí a cidade acorda, os marujos vão pro alto do cemitério, onde que eles fazem as orações deles, e começa a festa. Então assim, a presença deles é super importante na festa. E, esqueci o quê que a gente tava falando...(risos).

- *Eu estou te perguntando das dificuldades, se têm algumas dificuldades...*

- Então, aí dificuldade pra trazer os marujos, não.

- *Ou então alguma outra que eles enfrentam, que você percebe...*

- Não, não tem não. A dificuldade deles, que eles enfrentam, eles têm sim. Eu falei que não, mas têm sim, mas eles têm que reunir marujos de outros municípios vizinhos aqui. Então eles têm que ter disponibilidade pra tá integrando os números de participantes dos marujos de São Sebastião. E as dificuldades pra Festa do Rosário a gente num encontra, porque a comunidade é muito unida, os outros municípios ajudam, acho que num tem...Agora, pro artesanato, pra resgatar essa cultura do fazer o balaio, isso aí a gente tem muita dificuldade, por causa da própria resistência deles, mais os artesãos.

- *Eu vou mudar só um pouquinho de assunto, porque na sua fala você mencionou que a Marujada também participa na Alvorada. Depois ou antes que ela faz a oração no cemitério?*

- Eles levantam às cinco horas da manhã, o festeiro vem aqui pra igreja, toca o sino. Aí toca o sino e acorda na cidade, principalmente pros marujos. Aí eles levantam, fazem a oração no cemitério, essa oração que eles fazem é pros membros da Marujada que já morreram...

- *Ah tá. Por isso que eles vão até o cemitério, a função é essa: eles vão até lá, pra prestar uma homenagem aos falecidos, ex-marujeiros.*

- Isso. Aí eles vão, passam, vêm na praça, aonde tiver uma imagem e fazem a oração. Eles fazem oração na porta da igreja, a igreja tá fechada e eles fazem a oração assim mesmo. Na Praça de São Sebastião, aos pés da Imagem de São Sebastião; na Praça do Rosário, aos pés da Imagem de Nossa Senhora do Rosário. Aí depois eles se dirigem pra casa do festeiro, onde que eles são recebidos pra tomar o café da manhã. Depois disso, eles dá uma volta na cidade, tocando e voltam de novo, pra onde eles que eles tão alojados, pra preparar pra missa.

- *E essa dinâmica, que eles fazem, isso acontece em todas as festas?*

- Todas as festas. A última festa, que é de Nossa Senhora do Rosário, eles levantam às cinco horas da manhã, na Alvorada, e vão pra casa do festeiro, porque nesse dia é servido o “Tutu da Madrugada”. Aí lá eles comem o tutu, pra fortalecer, pra ficar o dia inteiro tocando. Eles tocam e a festa é mais pesada porque reúne as três festas, né? Aí eles comem o Tutu da Madrugada, depois fazem o mesmo ritual, aí tocam o dia inteiro. Vão na casa do festeiro, buscam o festeiro, voltam com o festeiro, até chegar a hora da missa.

- *E qual que é o nome do cemitério daqui?*

- Não, não tem nome.

- *E aí voltando a nossa questão, que são as dificuldades e soluções. Aí você colocou pras dificuldades, você considera que é mais Marujada que mais enfrenta algumas dificuldades.*

Nas festas nem tanto, o artesanato você citou algumas. E você acha que eles vislumbram, por exemplo no caso é a Marujada é que mais enfrenta, eles vislumbram algumas soluções, eles encontram soluções pra sobressaírem a essas dificuldades?

- A dificuldades que eles falam, porque pra chamar os marujeiros, eles vêm, com muito prazer. Mas toda vez que você vai chamar pra convidar eles pra festa, marcar a participação deles na festa, eles falam na sede: “ah, porque a gente não vai tocar esse ano porque a gente não tem sede”. Mas estão presentes. Chega no outro ano: “ah, mas nós num vamos tocar porque estamos sem sede, nós num temos lugar pra guardar instrumento, a gente num tem lugar pra ensaio”. Então, é essa dificuldade que eles...foi dificuldade que você perguntou. (risos).

- *É, em todo o caso, porque pra ter solução, vai ser o espaço próprio...*

- Fazer a sede, o espaço próprio deles. Aí vai ter a solução.

- *Fora isso...*

- Fora isso, nada. Porque eles falam que num vão vim, mas tão sempre presentes, eles não deixam de participar.

- *Ana, tem algum comentário, ou comentários gerais que você gostaria de fazer, que não foi contemplado, mas que você queria ressaltar/destacar?*

- Tem. Eu acho assim, muito bacana tá morando numa cidade igual a essa, onde que o povo tem sua crença, onde você vê as pessoas se manifestando, você vê a vontade de tá participando, diferente das cidades, igual Itabira onde morava. Porque...lá você num vê, você vê a procissão passando, mas aqui não. Quando vai ter o levantamento da bandeira, mesmo as pessoas que não estão presentes dentro da igreja, num vão à procissão, eles se reúnem na praça pra tá vendo o levantamento da bandeira, pra tá vendo o show pirotécnico e principalmente a apresentação dos marujos. Então assim, é muito bacana essa manifestação cultural, e eu acho mais bacana ainda eu tá na Secretaria de Cultura, pena que eu num posso tá, assim, ajudando mais, num tá podendo fazer mais coisas.

- *Tem mais alguma outra coisa que você gostaria de falar?*

- Só isso.

- *Obrigada, tá!*

- De nada.